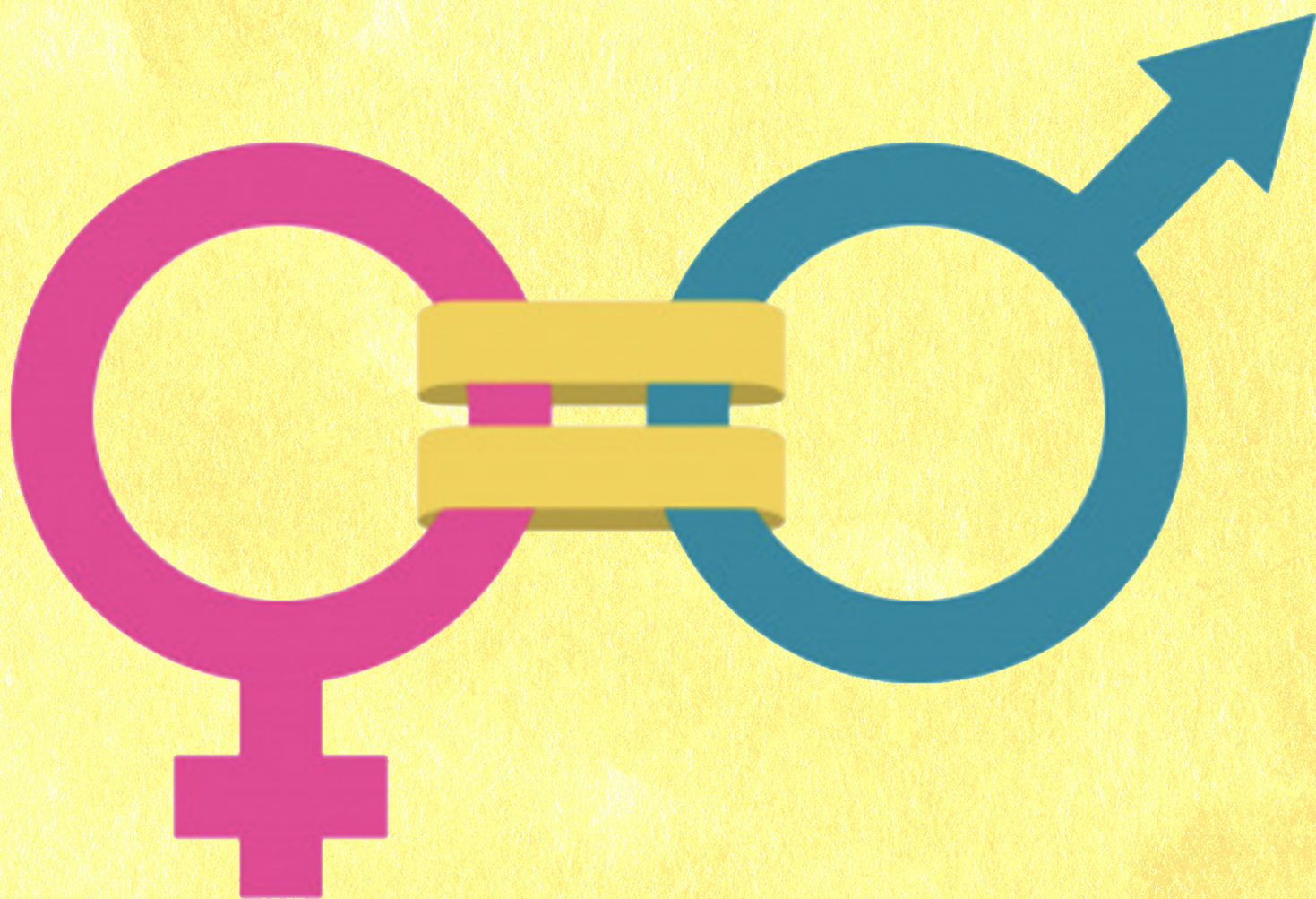


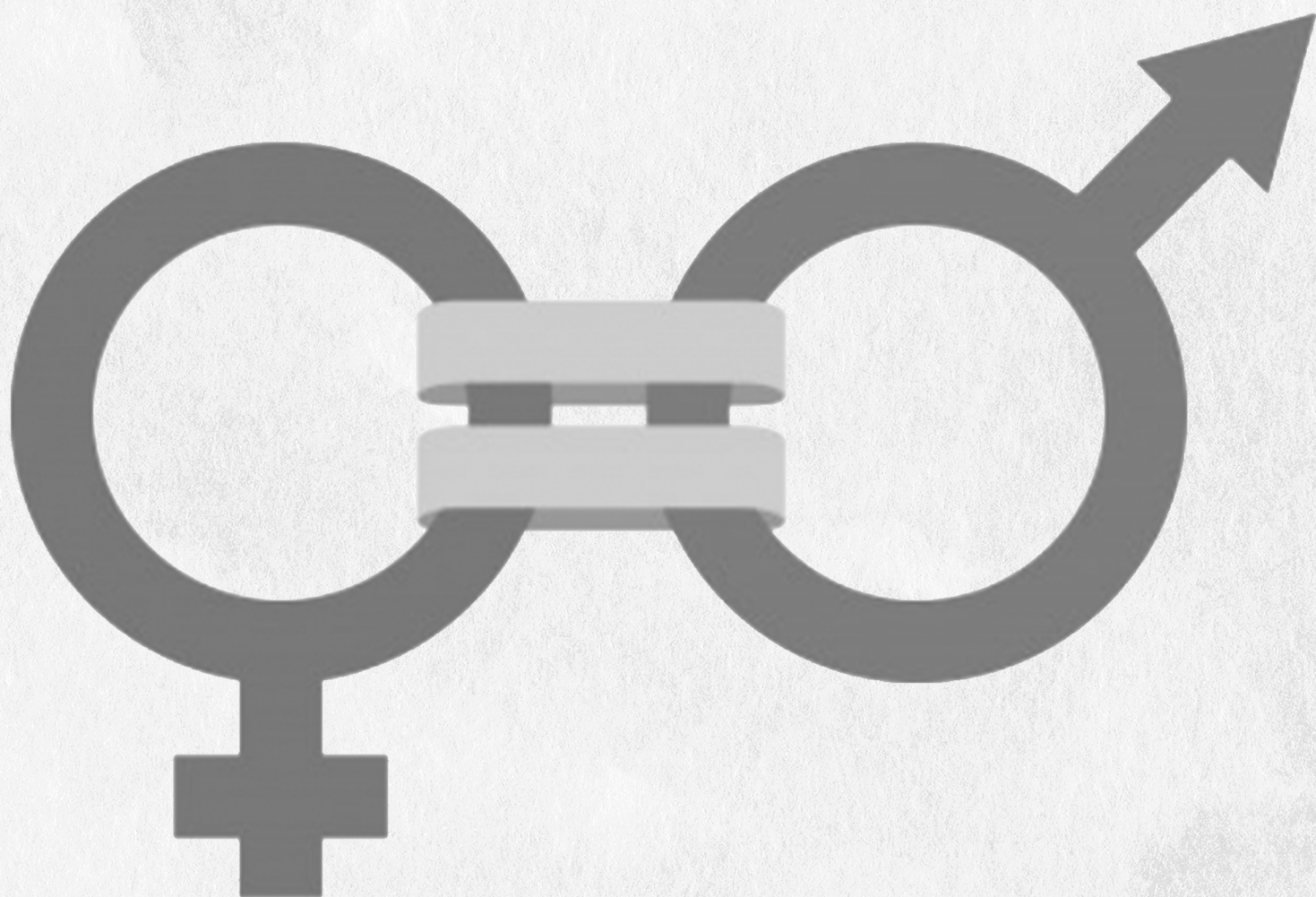
# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Lorena Prestes

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
M775r	<p>Monteiro, Solange Aparecida de Souza.            Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais            [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza            Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-058-2            DOI 10.22533/at.ed.582202205</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange            Aparecida de Souza..</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A temática pertinente **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS** é complexa que tem motivadora de debates na sociedade acerca de como abordar a problemática do gênero e sexualidade na educação. Uma educação democrática, pensa a escola como um ambiente rico em diversidade, visto que seu espaço é repleto de sujeitos em formação. Neste sentido, faz-se necessário elaborar estudos que estejam voltados para a discussão sobre a sexualidade, pensando em uma educação mais inclusiva, que pautado no reconhecimento plural das identidades, buscando a perspectiva de garantia de direitos para a construção de uma sociedade mais igualitária que reconheça e respeite a diversidade sexual e de gênero. A escola tem marcas de um ambiente de promoção e de construção do conhecimento, no qual se consolidam aprendizados em que se formam sujeitos em suas subjetividades em contextos culturais sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Deste modo a escola pode ocupar um papel central no desenvolvimento de seus alunos, e que em razão disto pode estimulá-los a pensar criticamente sobre os discursos socialmente construídos e determinantes no sentido de , romper com a reprodução dos aspectos de uma moralidade que estimula a produção de desigualdade, preconceito e violência em nossa sociedade para a construção dos vínculos afetivos, as identificações sociais e principalmente a produção de subjetividades, contribuindo no desenvolvimento de uma cultura plural e de respeito a diversidade dentro de seu sistema de ensino. E assim, pensando nas possíveis manifestações da sexualidade presentes no cotidiano de crianças e adolescentes em contexto escolar, que surgem demandas de realizar uma reflexão acerca dos métodos e condutas adotados pela escola em lidar com esta temática.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões para temas de **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS**.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CULTURA UNIVERSITÁRIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos Fabio Rodrigues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5822022051	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
A METODOLOGIA NO TRUQUE: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS EM UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA SOBRE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA ESPANHA.	
Maria Cecília Patrício DOI 10.22533/at.ed.5822022052	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
COLONIALIDADE DE GÊNERO: (UM)A CONSOLIDAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL	
Sarah Francine Schreiner Geanne Gschwendtner DOI 10.22533/at.ed.5822022053	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL”	
Rosiléa Agostinha de Araújo Lorena Kelly Alves Pereira Geovane Gomes de Araújo Glauberto da Silva Quirino DOI 10.22533/at.ed.5822022054	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
COMO A GENTE SE DIVERTE: CORPOS MASCULINOS EM WEBSITES DE CRUZEIROS LGBT	
Diego Santos Vieira de Jesus DOI 10.22533/at.ed.5822022055	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
GÊNERO E GESTÃO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM CARGOS DE GESTÃO NA INDÚSTRIA CATARINENSE	
Leonard Almeida de Moraes Juliano Keller Alvez Édis Mafra Lapolli DOI 10.22533/at.ed.5822022056	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
GÊNERO, RAÇA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS EM ESCOLAS DE RIO BRANCO/ACRE	
Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cleyde Oliveira de Castro Murilena Pinheiro de Almeida DOI 10.22533/at.ed.5822022057	



<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS	
Meiriane Christine dos Santos Aguiar	
Isis Vanessa Nazareth	
Yasmin Alves de Oliveira Lopes	
Rejane Corrêa Marques	
Fabrícia Costa Quintanilha Borges	
Thayssa Cristina da Silva Bello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5822022058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DE LIVROS DE OCORRÊNCIA ESCOLAR	
Keith Daiani da Silva Braga	
Arilda Ines Miranda Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5822022059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>110</b>
OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE	
Kueyla de Andrade Bitencourt	
João Diógenes Ferreira dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR	
Iara Luzia Henriques Pessoa	
Glauce Michelle Araújo Penha	
Carlos Alberto Gomes de Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>129</b>
SILENCIAMENTOS: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MENINAS E O CONTEXTO BRASILEIRO	
Joice da Silva Brum	
Nivia Valença Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
GNOSIOLOGIA NAS INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE AGENDA DE PESQUISAS	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Claudionor Renato da Silva	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Valquiria Nicola Bandeira	
Marilurdes Cruz Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220513</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>151</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>152</b>

## EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL”

*Data de aceite: 26/03/2020*  
*Data de submissão: 02/02/2019*

### **Rosiléa Agostinha de Araújo**

Universidade Regional do Cariri – URCA  
Crato-Ceará  
<http://lattes.cnpq.br/6349093524261055>

### **Lorena Kelly Alves Pereira**

Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro – UFRRJ  
Crato-Ceará  
<http://lattes.cnpq.br/9781629790721646>  
<https://orcid.org/0000-0003-1892-161X>

### **Geovane Gomes de Araújo**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Ceará – IFCE  
Fortaleza-CE  
<http://lattes.cnpq.br/1004781014099015>

### **Glauberto da Silva Quirino**

Universidade Regional do  
Cariri – URCA Crato-Ceará  
<http://lattes.cnpq.br/6349376581215170>  
<https://orcid.org/0000-0001-5488-7071>

**RESUMO:** A crescente onda de criação e divulgação de notícias e informações falsas que a partir de 2016 passou a ser conhecida como o fenômeno da pós-verdade tem provocado a construção

de narrativas que não correspondem à realidade dos fatos. Exemplos disso são as narrativas relacionadas à “ideologia de gênero” e ao “marxismo cultural”, amplamente divulgadas e usadas no Brasil por segmentos conservadores da sociedade, sobretudo por religiosos e políticos, para causar comoção e terrorismo sociais. Apesar dessas narrativas serem falsas e não encontrarem correspondência com a realidade factual, provocam efeitos reais na vida das pessoas, como a crescente discriminação e violência contra LGBTI+ e mulheres. Objetivamos demonstrar como, a partir de quê e com quais intenções essas historietas são construídas e divulgadas. Em relação à fundamentação teórica nos embasamos nos teóricos que tratam das questões de gênero e sexualidade e em estudos marxistas. No que diz respeito ao método, trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho bibliográfico. Os principais resultados apontam que estamos em um momento histórico de muita adesão popular a narrativas fantasiosas sustentadas por teorias conspiratórias que apelam para emoções e sentimentos pessoais, minando a capacidade de observação e elaboração do pensamento crítico dos

sujeitos envoltos por tais conspirações. Dessa forma, essas narrativas vão ganhando cada vez mais espaço e alcançando seus objetivos que giram em torno de barrar o progresso social nas mais diversas áreas, impondo retrocessos por meio de uma agenda odienta, conservadora, fundamentalista e sem espaço para as diversidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-verdade, “Ideologia de gênero”, “Marxismo cultural”.

## IN POST-TRUTH: DECONSTRUCTING “GENDER IDEOLOGY” AND “CULTURAL MARXISM”

**ABSTRACT:** The growing wave of creation and dissemination of false news and information that since 2016 has come to be known as the phenomenon of post-truth has caused the construction of narratives that do not correspond to the reality of the facts. Examples of this are the narratives related to “gender ideology” and “cultural Marxism”, widely disseminated and used in Brazil by conservative segments of society, especially by religious and politicians, to cause social commotion and terrorism. Although these narratives are false and do not match the factual reality, they have real effects on people’s lives, such as the growing discrimination and violence against LGBTI+ and women. We aim to demonstrate how, from what and with what intentions these stories are constructed and disseminated. Regarding the theoretical foundation, we are based on theorists who deal with gender and sexuality issues and on Marxist studies. With regard to the method, it’s a descriptive research of a bibliographic nature. The main results indicate that we are in a historic moment of much popular adherence to fantasy narratives supported by conspiracy theories that appeal to personal emotions and feelings, undermining the capacity for observation and elaboration of the critical thinking of the subjects involved in such conspiracies. In this way, these narratives are gaining more and more space and achieving their goals that revolve around barring social progress in the most diverse areas, imposing setbacks through an odious, conservative, fundamentalista agenda and no space for diversities.

**KEYWORDS:** Post-truth, “Gender ideology”, “Cultural marxism”.

## INTRODUÇÃO

Pós-verdade e *fake news* são dois termos que a partir de 2016 ganharam notoriedade e estão no centro do debate político na atualidade. Isso ocorre devido a influências e graves consequências políticas, sociais e econômicas que esses dois fenômenos têm provocado no mundo.

O termo pós-verdade, em inglês *post-truth*, foi escolhido no final de 2016 pelo *Dicionário Oxford* como a palavra do ano. Sua justificativa para a escolha foi que o uso da palavra havia crescido muito no decorrer do ano em razão, sobretudo, de dois acontecimentos principais: a decisão de saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e a eleição norteamericana. Conforme o Dicionário, o vocábulo pós-verdade significa: “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos

por emoções ou crenças pessoais”.

Esse apelo a emoções ou a crenças pessoais é feito pelo uso intencional, deliberado e epidêmico das *fake news* (notícias falsas). Desse modo, a realidade factual é manipulada e negada para que através de falsas informações, geralmente com forte apelo à cultura religiosa judaico-cristã, se consiga atingir a opinião pública e, assim, provocar a tomada de decisões equivocadas, a exemplo da eleição de candidatos de extrema direita que flertam com o autoritarismo e a violência e que travam uma verdadeira cruzada contra grupos que não se encaixam no modelo cultural normalizado e valorizado: homem, cis, branco, heterossexual e cristão.

São exemplos de *fake news*, ou notícias falsas, as narrativas da “ideologia de gênero” e do “marxismo cultural”, as quais têm sido usadas por religiosos e políticos conservadores para causar medo e pavor nas pessoas por meio da deliberada e orquestrada distorção dos estudos de gênero e da teoria marxista. Essas *fake news* acabam provocando efeitos reais e danosos na vida de pessoas que têm a sua condição existencial diretamente relacionadas com as questões de gênero e sexualidade e que são afetadas por essas narrativas falsas, a exemplo dos LGBTI+ e as mulheres.

Nessa perspectiva, objetivamos demonstrar como, a partir de quê e com quais intenções essas narrativas são construídas e divulgadas, e faremos isso a partir de um estudo descritivo bibliográfico.

Os principais resultados apontam que estamos em um momento histórico de muita adesão popular a narrativas fantasiosas sustentadas por teorias conspiratórias que apelam para emoções e sentimentos pessoais, minando a capacidade de observação e elaboração do pensamento crítico dos sujeitos envolvidos por tais conspirações. Dessa forma, essas narrativas vão ganhando cada vez mais espaço e alcançando seus objetivos que giram em torno de barrar o progresso social nas mais diversas áreas, impondo retrocessos por meio de uma agenda odienta, conservadora, fundamentalista e sem espaço para as diversidades. No Brasil, por exemplo, isso tem ocorrido em diversas áreas, especialmente na educação, que tem sido alvo de ataques como o Programa Escola sem Partido, o qual pretende impedir a liberdade de ensinar e impor uma agenda conservadora, reacionária e antidemocrática no âmbito da educação.

A conclusão desse estudo nos fez perceber que as *fake news*, bem como as teorias conspiratórias são frutos de ações intencionais, promovidas, geralmente, de forma orquestrada, com o objetivo de atingir os sentimentos e as crenças das pessoas, e com isso, manipular a opinião pública sobre determinados temas. Atualmente, o uso de redes sociais como *facebook* e *whatsapp*, entre outras, tem impulsionado a divulgação de *fake news*, atingindo um elevado número de pessoas e influenciando várias dimensões da vida em sociedade, sobretudo o campo político.

## METODOLOGIA

Para Gil (2002, p.44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado”. Portanto, conforme critérios desse autor, este estudo trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho bibliográfico, pois estabelece relações entre os elementos investigados. Entretanto também se aproxima da pesquisa explicativa que objetiva explicar as razões pelas quais determinados fenômenos acontecem.

Nessa perspectiva, considerando que só foi utilizado material tendo como fonte livros e artigos, esta pesquisa constitui-se bibliográfica em sua totalidade.

## DESENVOLVIMENTO

### A Era da Pós-Verdade e as *Fake News*

A filósofa brasileira Marcia Tiburi nos esclarece que a era da pós-verdade diz respeito à criação de teorias delirantes tão bem espalhadas e defendidas “que desamarrou o sujeito da realidade” (TIBURI, 2019, p. 42). Para Tiburi (2019), diariamente surgem teorias delirantes que negam a realidade factual já evidenciada ao logo do tempo e da história. “Isso é possível porque, por mais improvável que seja o conteúdo do delírio, ele tem o valor de uma verdade para quem a ele se apega” (TIBURI, 2019, p. 42).

Diante da convulsão da atual crise do capitalismo mundial surgiu um terreno fértil para a criação e proliferação de narrativas falsas e teorias conspiratórias que tentam justificar e transferir a responsabilidade pela crise capitalista para a população trabalhadora e oprimida. A eleição do bilionário Donald Trump para a presidência dos EUA em 2016 é um exemplo dessa lógica, pois a campanha de Trump utilizou, de forma escancarada, variadas *fake news* de forte apelo racista, homofóbico, misógino e xenófobo que acabou lhe auxiliando de forma decisiva a ganhar as eleições (RIDDELL, 2019).

Contudo, essa vitória conquistada com base em notícias falsas<sup>1</sup> que faziam apologia da violência e desrespeitos diversos chamou a atenção do mundo, pois os trabalhadores e os grupos sociais oprimidos têm em sua memória lembranças de características de momentos históricos passados que os levam a temer, a exemplo do “racismo endêmico, a abolição de direitos civis e trabalhistas, repressão brutal e os assassinatos em massa que caracterizam o fascismo” (RIDDELL, 2019, p. 14).

---

<sup>1</sup> Articulada por Steve Bannon, um dos maiores ideólogos da extrema direita conservadora no mundo, a eleição presidencial dos EUA em 2016 se configurou em uma verdadeira guerra de notícias falsas. Através do uso massivo de sites e redes sociais foram espalhadas, de maneira desenfreada, teorias da conspiração e conteúdos falsos. Bannon também contribuiu para a eleição populista fortemente impulsionada por *fake news* de Bolsonaro para presidente do Brasil. Atualmente Bannon se encontra na Europa tentando articular um ambiente favorável à implantação de suas ideias ultraconservadoras e reacionárias junto a políticos da extrema direita e também visando influenciar a escolha do próximo papa (líder da igreja católica, ainda a mais influente do mundo), de maneira a corresponder os anseios do conservadorismo religioso que vem sendo recusado pelo papa Francisco.

Os movimentos fascistas são a mais nefasta consequência dos períodos de crise do sistema capitalista, pois apesar de reconhecer a existência de uma crise social:

Tentam retirar a responsabilidade do sistema capitalista, procurando antes bodes expiatórios: imigrantes, negros, judeus, mulheres autoconfiantes e independentes, LGBT's, ciganos e outros. Teorias da conspiração sobre estrangeiros são inventadas, preparadas para desviar a atenção de que o sistema social e econômico é o culpado pela crise (RIDDELL, 2019, p. 27).

Na ânsia para conseguir apoio, os movimentos fascistas – representados sobretudo pela nova direita conservadora mundial – trabalham para provocar ressentimentos, “apelam a sentimentos racistas, chauvinistas e misóginos que permeiam profundamente a chamada cultura popular sob o capitalismo” (RIDDELL, 2019, p. 27).

Daí forjarem e espalharem (potencializadas atualmente pelo uso descontrolado das redes sociais) teorias conspiratórias, a exemplo da “ideologia de gênero” e do “marxismo cultural”, as quais se configuram como narrativas falsas, mas que encontram muita aceitação e credibilidade nas mentes das massas que traz consigo uma herança ainda muito recente do fascismo em seus momentos vigorosos, como ocorreu durante a ditadura militar no Brasil, por exemplo. Consequentemente esse ranço pode se mostrar em:

Forma de racismo, elitismo, homofobia, fundamentalismo religioso e misoginia. E se materializar em violências duras, como o estupro “corretivo”, os espancamentos, as torturas, os assassinatos e os linchamentos (WYLLYS, 2014, p. 117).

Em suma, a era da pós-verdade corresponde à cultura da mentira e da negação, que leva a um clima de desinformação e confusão muito bem aproveitados por aqueles/as que se utilizam disso para propagar suas *fake news* e teorias da conspiração carregadas de ideologias e interesses. Cria-se narrativas mentirosas para substituir o conhecimento acadêmico, científico e popular existentes, negando, dessa forma, os saberes já construídos pela humanidade. Isso ocorre:

Quando o consumo cultural coletivo da desinformação e o apego à desinformação se aliam às camadas e mais camadas de mentiras que as pessoas contam em sua vida cotidiana, nossa capacidade de enfrentar a realidade diminui severamente, assim como nossa vontade de intervir e mudar as circunstâncias de injustiça (HOOKS, 2013, p. 45).

Portanto, a era da pós-verdade e consequentemente o uso massivo de *fake news*, as quais apresentam uma enorme possibilidade de manipulação, retiram a capacidade das pessoas de pensarem e:

Quando as pessoas agem sem pensar, é porque já não podem pensar. Pensar é uma capacidade que lhes foi subtraída. Pensar é liberdade, e liberdade é poder, por isso, os poderosos sequestram a liberdade de todos, a fim de garantir o seu poder – o que, na verdade, é uma forma de violência (TIBURI, 2019, p. 49).

## “Marxismo Cultural” e “Ideologia De Gênero”

“Marxismo cultural” e “ideologia de gênero” são duas narrativas conspiratórias criadas a partir da distorção, deturpação e deslegitimação do marxismo<sup>1</sup> e dos estudos de gênero<sup>2</sup>. Segundo os “pensadores” do “marxismo cultural”, após a frustração de implantação do regime comunista no mundo, o qual ocorreria por meio da derrubada do regime capitalista, os marxistas traçaram uma nova estratégia para conseguir atingir os seus objetivos. O plano agora, segundo eles, diz respeito à tentativa de dominação cultural pelos marxistas e, a partir disso, estrategicamente, destruir a cultura e a civilização ocidentais e o modelo econômico capitalista moderno (CARAPANÃ, 2018).

Para Miguel (2016), essa teoria de ameaça através da “doutrinação marxista” foi criada a partir de uma leitura fantasiosa e equivocada da obra do filósofo italiano Antonio Gramsci, o qual defendia que a luta pela transformação social nas sociedades capitalistas deveria incluir a disputa por projetos e visões de mundo dentro da sociedade civil, evitando assim o poder hegemônico de determinados grupos. Assim sendo:

Essa sofisticada percepção da luta política se torna, nas mãos dos seus detratores à direita, uma estratégia maquiavélica e simplória, com o objetivo de solapar os consensos que permitem o funcionamento da sociedade, por meio da manipulação das mentes (a noção de “lavagem cerebral” é invocada com frequência). Gramsci é apresentado como alguém que bolou um “plano infalível” para a vitória do comunismo<sup>3</sup>: é o Cebolinha do pensamento marxista. É essa leitura bizarra que é evocada pelo nome de “marxismo cultural” (MIGUEL, 2016, p. 600-601).

Com a pretenciosa intenção de conseguir cada vez mais adeptos e mais capilaridade para essa teoria conspiratória delirante, os ideólogos do “marxismo cultural” resolveram apelar para o campo ideológico da moral judaico-cristã por

---

1 Marxismo é o nome de uma corrente filosófica criada no século XIX pelo revolucionário socialista alemão Karl Marx. Também pode ser definido como o nome de um poderoso movimento político do século XX, o qual foi criado por Lenin, revolucionário e ex-Primeiro Ministro da União Soviética.

2 Diz respeito a um campo de estudos onde se busca compreender e explicar os determinantes sociais, culturais e históricos para as diferenças estabelecidas entre homens e mulheres e as consequências dessa lógica. Para Furlani (2016, p. 2), “são propostas teóricas e reflexões que buscam combater a violência contra a mulher e as crianças, defendendo o respeito às diferenças, à diversidade e entendem que a sociedade é plural e a escola deve discutir a exclusão e as muitas formas de preconceito”.

3 Os ideólogos do “marxismo cultural” fazem uma verdadeira confusão em relação ao que significaria marxismo e comunismo. Para eles esses dois fenômenos são exatamente a mesma coisa. No entanto, o conceito de marxismo diz respeito a uma corrente filosófica do século XIX e um movimento político do século XX, enquanto que comunismo se refere a um sistema de organização social em oposição ao modelo capitalista, almejando como resultados principais o desaparecimento da dominação de uma classe social sobre outra.

4 Uma das principais referências intelectuais da direita e extrema-direita brasileiras, Olavo de Carvalho é um dos principais representantes do conservadorismo e tem atuado massivamente para a criação fantasiosa de narrativas a partir da distorção do pensamento do filósofo italiano Antonio Gramsci.

intermédio da “fusão da denúncia da doutrinação marxista de inspiração gramsciana com a oposição à “ideologia de gênero” (MIGUEL, 2016, p. 601).

Assim sendo, mesmo que Marx e teóricos marxistas, a exemplo de Gramsci, não tenham demonstrado em suas obras interesse por temas relacionados a transformações culturais e portanto por questões ligadas a gênero e sexualidade, por exemplo, oportunisticamente os criadores dessas narrativas conspiratórias se utilizam de má fé e da falta de senso crítico do povo para afirmar que a “ideologia de gênero” corresponde a uma das “graves” consequências do “marxismo cultural”. Para Miguel (2016), essa “confluência foi facilitada graças ao trabalho de propagandistas da extrema-direita, em particular os alinhados a Olavo de Carvalho<sup>4</sup>, para quem a dissolução da moral sexual convencional é um passo de estratégia comunista” (MIGUEL, 2016, p. 601).

A criação da narrativa da “ideologia de gênero” potencializou, portanto, a capacidade da teoria conspiratória do “marxismo cultural” causar pânico e repulsa sociais, pois ao distorcer os estudos sobre gênero e sexualidade colocou ênfase na agenda do moralismo conservador com forte representação em várias instâncias da sociedade. Nesse sentido, podemos afirmar que:

A “ideologia de gênero” é uma distorção desses estudos, baseada em um discurso fundado no conservadorismo que dissemina pânico, terror e desinformação entre as pessoas. Ancora-se numa narrativa de proteção à família tradicional (homem, mulher e filhos/as), acusando os/as estudiosos/as de gênero e sexualidade de terem como objetivo principal a “destruição da família”, “a transformação de meninos em meninas e vice-versa”, “o ensino de sexo nas escolas”, dentre outras afirmações dessa natureza (PEREIRA; FEITOSA, 2019, p. 200-201).

Tendo ganhado destaque ultimamente ao redor do mundo, especialmente no Brasil, o termo “ideologia de gênero” foi inventado por grupos religiosos ligados à igreja católica e posteriormente difundido também por igrejas evangélicas na tentativa de conter e distorcer os estudos e avanços em torno da agenda sobre gênero e sexualidade. Para Pereira e Feitosa (2019), “trata-se, na verdade, de uma maneira cruel e bem articulada de deformar os estudos científicos existentes, uma vez que não há, no contexto dos estudos de gênero e sexualidade dentro do campo das ciências humanas e sociais, nenhuma menção à expressão “ideologia de gênero” (PEREIRA; FEITOSA, 2019, p. 201).

Através do fundamentalismo que “se define pela percepção de que há uma

---

<sup>5</sup> É interessante observar que combatem algo que eles mesmos idealizaram e divulgaram, pois os estudos de gênero têm a intenção de combater as desigualdades sociais entre homens e mulheres, além de fazer refletir sobre os papéis sexuais que acabam delimitando as pessoas em caixinhas convencionais. Portanto, como toda teoria da conspiração, a “ideologia de gênero” criou o seu monstro inimigo e que deve ser combatido a todo custo. E esse monstro é a ideia equivocada e fantasiosa que se criou do outro, ou seja, aquele/a que não se encaixa nas suas verdades reveladas e que, portanto, é tratado/a como uma aberração, uma coisa desprovida de humanidade que deve ser eliminada.



verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate” (MIGUEL, 2016, p. 393), os ideólogos e adeptos da “ideologia de gênero” rejeitam, de forma cética, toda a diversidade que não está revelada nas suas crenças religiosas. Fechados a qualquer tipo de diálogo que não seja a reafirmação de seus dogmas religiosos, os combatentes<sup>5</sup> da chamada “ideologia de gênero” travam uma verdadeira cruzada contra aqueles/as que militam pelos direitos das mulheres, das pessoas LGBTI+, pelos direitos sexuais e reprodutivos, pelo reconhecimento das famílias homoafetivas, pelo direito à descriminalização do aborto e sobretudo pelo direito de se estudar e debater todas essas questões no âmbito da educação formal.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aparecimento e recrudescimento de teorias conspiratórias, a exemplo do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero” consiste na reação odienta, ensandecida e furiosa da nova direita mundial<sup>6</sup> que está inconformada e não aceita as transformações culturais ocorridas nas últimas décadas no ocidente (ALEXANDER, 2018). Através dessas transformações, as quais são resultado direto do fortalecimento das democracias, grupos que até então eram ignorados e oprimidos – mulheres, LGBTI+, negros/as etc – passaram a protagonizar lutas que lhes trouxe resistência, visibilidade e inserção em espaços antes restritos ao *establishment*<sup>7</sup>.

A constante luta desses movimentos sociais tem tentado fazer com que suas reivindicações sejam transformadas em políticas públicas. No entanto, essas tentativas vêm sofrendo forte reação e oposição, sobretudo, de grupos conservadores religiosos e inseridos em partidos políticos e, no caso do Brasil, com influente participação no Congresso Nacional.

Uma dessas reações resultou no Projeto de Lei nº 867/2015, que cria o Programa Escola sem Partido, o qual traz consequências graves para a educação, pois nos mostra que “é o ato de educar como mediação complexa da formação humana que é o alvo do conservadorismo das elites empresariais e de grupos político-religiosos por intermédio de seus intelectuais e parlamentares comprometidos com o atraso em termos inquisitoriais” (CIAVATTA, 2017, p. 8).

Defendendo argumentos como o de se combater “um elevado grau de contaminação político-ideológica nas escolas brasileiras em todos os níveis de ensino”; “um numeroso e organizado exército de falsos educadores que se aproveitam da liberdade de cátedra para impor visões de mundo particulares aos estudantes”; a “ideologia de gênero” e “a contaminação político-partidária no âmbito da educação escolar”, o Escola sem Partido pretende amordaçar os professores e retirar o pluralismo

---

<sup>6</sup>Também chamada de extrema direita, trata-se de um movimento crescente mundialmente que tem como principais características o nacionalismo exacerbado e hipócrita, o autoritarismo, o conservadorismo, o populismo, a xenofobia e o total desprezo pela pluralidade.

<sup>7</sup>Referimos aqui a elite social, econômica e política de um país.

de ideias, a liberdade e o respeito à diversidade do âmbito educacional (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017).

Nessa perspectiva, o Escola sem Partido tem sido uma maneira de se colocar em prática o que já vem ocorrendo em vários países, onde:

A arena pública tem sido tomada por mobilizações voltadas a eliminar ou reduzir as conquistas feministas, a obstruir a adoção de medidas de equidade de gênero, a reduzir garantias de não discriminação, a entravar o reconhecimento dos direitos sexuais como direitos humanos, e a fortalecer visões de mundo, valores, instituições e sistemas de crenças pautados em marcos morais, religiosos, intransigentes e autoritários (JUNQUEIRA, 2019, p. 136).

E os resultados concretos desse tipo de movimento conservador e de extrema direita já vêm ocorrendo:

A ponto de em 2014, por causa de grande pressão exercida pelo movimento, o Plano Nacional de Educação (PNE) ter “excluídas todas as metas relativas ao combate à desigualdade de gênero”, (Penna 2015) o que já demonstra, infelizmente, sua força no atual cenário político nacional (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017, p. 51).

Dessa forma, podemos dizer que existe uma intencionalidade em não querer que se discuta gênero e sexualidade nas escolas, afinal:

Cada ordem social estabelecida empenha-se para que suas assimetrias e arbitrariedades históricas sejam percebidas como ordenamentos naturais, e continuem a ser impostas e perpetuadas como legítimas, necessárias, imutáveis ou inevitáveis. De fato, uma das estratégias ideológicas centrais do discurso antigênero é renaturalizar a ordem social, moral e sexual tradicional e apontar como antinaturais crenças, ideias ou atitudes que contrariem essa ordem, bem como rechaçar a contribuição das ciências sociais para compreensão dos processos sociais, históricos e culturais de construção da realidade (JUNQUEIRA, 2019, 139).

Entretanto, os estudos de gênero têm demonstrado que as desigualdades entre homens e mulheres não são naturais e que a diversidade sexual também não é uma consequência direta dos órgãos sexuais dos indivíduos. Para Louro (2008),

não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente (LOURO, 2008, p.18).

Portanto, através dos estudos de gênero e da luta dos movimentos feminista e LGBTI+ está sendo possível desnaturalizar as relações de gênero, historicamente impostas, assim como perceber as hierarquizações sexuais e a heteronormatividade<sup>8</sup> que levam ao machismo, à misoginia, ao sexismo, à LGBTfobia e ao ódio como política,

---

<sup>8</sup> Ideia que trata a heterossexualidade como a norma em uma sociedade, marginalizando todas as demais orientações sexuais.

impedindo que a agenda de gênero e sexualidade sejam contempladas nas políticas públicas (JUNQUEIRA, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adaptar os discursos a circunstâncias visando alcançar interesses escusos em detrimento da verdade factual promove a tirania e a servidão a narrativas de poder ilegítimas que provocam consequências nefastas na vida das pessoas. Nessa perspectiva, as teorias conspiratórias do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero” foram criadas e divulgadas para confundir as pessoas e provocar um clima de medo e pânico, através da construção de inimigos imaginários, mas que na era da pós-verdade parecem reais.

Em tempos de pós-verdade, a melhor forma de se combater a propagação de *fake news*, bem como de teorias conspiratórias, é buscar a verificação das notícias e informações antes de replicá-las nas redes sociais ou nos bate-papos em rodas de conversa com amigos e familiares.

Outro ponto importante a se destacar é a necessidade de valorizarmos os fatos científicos e o conhecimento historicamente construído, uma vez que até os fatos comprovados pela história e pelas ciências têm sido colocados em dúvida pelos arquitetos e disseminadores de *fake news* e teorias conspiratórias.

## REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**. São Paulo, v. 19, n. 2, p.17-23, mai./ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

TIBURI, Marcia. **Delírio do poder**: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TABER, Mike; RIDDELL, John. **Introdução**. In: ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. Tradução de Eli Moraes. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

WYLLYS, Jean. **Tempo bom, tempo ruim**: identidades, políticas e afetos. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro / From “Marxist indoctrination” to “gender ideology”: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. **Revista Direito e Práxis**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 590-621, set. 2016. ISSN 2179-8966. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>>. Acesso em: 26 set. 2019. doi:<https://doi.org/10.12957/dep.2016.25163>.

FURLANI, Jimena. “Ideologia de Gênero”? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha.

Versão revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09 pp, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>> Acesso em: 26 set. 2019.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 16-26. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod\\_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf)> Acesso em: 28 set. 2019.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: SOLANO, Esther (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 34-41. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod\\_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf)> Acesso em: 28 set. 2019.

PEREIRA, Lorena Kelly Alves; FEITOSA, Teresinha de Sousa. O debate sobre questões de gênero e diversidade sexual como tema transversal na educação brasileira. In: VIANA, Isabel Carvalho [et al]. **Ensino Transversal: flexibilidade curricular e inovação**. Portugal: Centro de Investigação em Estudos da Criança - Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2018. p. 196-210. Disponível em: <<http://cffh.pt/cffh/public/files/e-book-crosscut-2018.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2019.

ALEXANDER, Jeffrey C.. Vociferando contra o Iluminismo: A ideologia de Steve Bannon A IDEOLOGIA DE STEVE BANNON. **Sociologia & Antropologia**, [s.l.], v. 8, n. 3, p.1009-1023, dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752018v8310>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752018000301009&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752018000301009&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 10 set. 2019.

CIAVATTA, Maria. Resistindo aos dogmas do autoritarismo. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

ESPINOSA, Betty R. Solano; QUEIROZ, Felipe B. Campanuci. Breve análise sobre as redes do Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: MARIANO, Alessandro [et al]. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescentes 5, 104, 115, 117, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 148

Agenda 15, 40, 41, 45, 48, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

### B

Brasileiro 18, 22, 32, 34, 48, 104, 130, 136, 140

### C

Catarinense 64, 65

Colonialidade de gênero 27, 29, 32, 34, 36

Corpo 3, 11, 13, 17, 23, 24, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 74, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 106, 115, 109, 120, 121, 127, 135

Corpos masculinos 6, 50, 51, 57, 58, 60

Cultura universitária 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

### E

Educação Sexual 15, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

escolar 5, 2, 8, 46, 79, 80, 84, 85, 86, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 141, 142, 144, 146, 147, 148

Escolar 98, 99, 103, 109, 121, 151

Etnografia multisituada 17, 18

### F

Feminino 3, 4, 26, 32, 33, 36, 37, 47, 55, 57, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 89, 90, 91, 93, 97, 101, 102, 107, 124, 125, 130, 131, 135, 136, 137, 138

Formação docente 1, 4, 5, 10, 11

### G

Gênero 3, 1, 15, 16, 25, 28, 37, 38, 44, 48, 49, 79, 86, 98, 108, 121, 128, 129, 134

Gnosiologia 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150

### H

Homofobia 43, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109

### I

Ideologia 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49

Inclusão 53, 65, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 90, 114, 127

Indústria 64, 65, 69, 71, 74, 77

Integrativa 87, 90, 97

Investigações 144, 145, 147, 148

## M

Marcos sociais 110, 111, 112, 113, 115, 116

Marxismo cultural 39,40, 41, 43, 44, 45, 46, 48

Memória 25, 31, 42, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Metodologia 1, 4, 17, 20, 26, 78, 80, 141, 144, 151

Mulheres 2, 3, 4, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 101, 109, 117, 124, 125, 129, 133, 135, 137, 138, 148

## P

Pesquisa 1, 4, 8, 9, 11, 14, 18, 19, 20, 21, 23, 28, 35, 39, 42, 48, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 98, 99, 104, 105, 108, 118, 120, 122, 123, 130, 131, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

Pessoas com deficiências 81, 82

Pós-verdade 39, 40, 42, 43, 48

Proposta 16, 18, 30, 61, 70, 81, 84, 105, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Psicologia escolar 121, 127, 128

Publicações científicas 89

## R

Raça 6, 30, 37, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 94, 121, 122, 123, 124, 131, 135

## S

Sexualidade 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 34, 39, 41, 45, 47, 48, 52, 53, 60, 62, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 116, 118, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

## T

Transexualidade 110, 112, 113, 114, 115, 120, 128

Travestis brasileiras 17, 18, 19, 21, 22, 25

Truque 22, 25

## V

Violência 5, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 53, 57, 60, 91, 92, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 116, 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Violência de gênero 33, 34, 91, 130, 134, 135, 137

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**